



O Diagnóstico da Notícia: O Jornalismo Científico e Seus Pioneiros por Meio do Noticiário da Gripe¹

Eduardo Alexandre de Farias²

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Resumo

Para alguns profissionais em comunicação e para o público em geral a ciência ainda é vista como uma instância neutra, desprovida de interesses. Essa idéia, entretanto, não encontra eco no jornalismo de saúde cotidiano, repleto de interesses e ideologia. Uma breve análise do noticiário da gripe aviária, de 2005 e 2006, além de um olhar sobre o pré-jornalismo científico praticado durante a gripe espanhola no Recife, em 1918; podem mostrar que os interesses da população nem sempre vêm em primeiro lugar.

Palavras-chave

Comunicação e saúde; Gripe; História

Introdução

Informar sobre saúde, doenças e epidemias nunca foi uma tarefa muito fácil. Se o jornalismo científico se reveste de importância singular, pelo seu papel de intermediador entre a academia e a sociedade, a comunicação para a saúde, inserida no âmbito desse mesmo jornalismo científico, destaca-se ainda mais pela posição educativa e preventiva que desempenha.

No entanto, o papel destacado da medicina transplantada para os meios de comunicação traz para sua audiência uma falsa idéia de “isenção”. O processo científico certamente não é desprovido de interesses e conflitos e as suas conseqüências dificilmente se aproximam da neutralidade. Para Habermas (1997, pp. 45 e 46)

A “racionalização” progressiva da sociedade depende da institucionalização do progresso científico e técnico. Na medida em que a técnica e a ciência pervadem as esferas institucionais da sociedade e transformam assim as próprias instituições, desmoronam-se as antigas legitimações. A secularização e o ‘desencantamento’ das cosmovisões orientadoras da acção, da tradição cultural no seu conjunto, é o reverso de uma ‘racionalidade’ crescente da acção social.

Mesmo assim, para muitos profissionais de comunicação e para o público em geral, a ciência ainda é vista como algo desprovido de interesses, apoiada unicamente

¹ Trabalho apresentado ao NP Comunicação Científica e Ambiental.

² Bacharel em Comunicação Social – habilitação Jornalismo, pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da UFPE. E-mail: edualexandre@uol.com.br.



no empirismo e na racionalidade.

De acordo com Luz (1982), o processo de formação da notícia médica obedece a princípios semelhantes aos do processo de formação do próprio conhecimento médico, com uma profunda interligação entre ciência, Estado, políticas sociais e movimentos sociais. No Brasil, se por um lado a saúde é destaque no noticiário cotidiano, em grande parte acompanhando as graves deficiências do sistema público hospitalar, por outro lado, a mídia tem impulsionado campanhas de vacinação bem sucedidas e esclarecido com relativa eficiência sobre diversas doenças que antes eram completamente desconhecidas do público leigo, cumprindo com sucesso o seu papel de tradutora do conhecimento médico.

Não estando, pois, apartada dos fatores que influem no processo de formação do conhecimento científico, a relação entre jornalismo e ciência traz diversos vícios inseridos a partir deste contexto. A formação profissional deficiente e o relacionamento com fontes nem sempre isentas seriam as principais preocupações desta união entre notícia e pesquisa. No primeiro caso, a falha profissional pode criar um texto superficial e pouco esclarecedor, contraproducente para quem se propõe a fazer jornalismo científico.

No segundo caso, uma fonte comprometida distorce a informação, distanciando-a dos interesses sociais para interesses particulares, corporativos ou econômicos. Bueno (2005) atenta para este último ponto quando afirma que

A interferência do capital no processo de produção da ciência e da tecnologia tem tornado cada vez mais tênues os limites entre marketing e ciência, de tal sorte que a divulgação científica resvala obrigatoriamente, para o plano mercadológico, comprometendo a qualidade das informações.

Este comprometimento torna-se ainda mais pernicioso quando o discurso científico é utilizado para legitimar um projeto político. Sobre isto, Luz (1982, p.13) opina:

A medicina é, desde suas origens institucionais na sociedade brasileira do século XIX, nitidamente, não só uma forma de conhecer – através do organismo humano – o corpo social, mas também uma forma específica de intervir politicamente neste corpo. Trata-se não só da saúde dos cidadãos, mas também da saúde das cidades.

A gripe, como tema, pode se prestar a uma análise desses interesses no jornalismo científico brasileiro. Assunto constante da medicina através do século XX e



no início deste século, o combate à gripe ocupou muito mais espaço editorial do que é possível imaginar num primeiro momento. Nossa análise, observa este objeto em dois momentos históricos: o da gripe aviária, em 2005 e no da gripe espanhola, em 1918.

O Noticiário da Gripe Aviária

Ocupando boa parte do noticiário do segundo semestre de 2005 e do primeiro semestre de 2006, a gripe aviária é resultado da infecção das aves pelo vírus da influenza, especificamente pelo H5N1, classificado como de alta patogenicidade.

Mutante, o H5N1 passou a infectar humanos, a partir das aves. Mais de cento e noventa pessoas foram vitimadas inicialmente no sudeste asiático e posteriormente na Europa, Oriente Médio e África, desde 2003, e mais de 50% teriam morrido em decorrência da infecção. O problema despertou a atenção da Organização Mundial de Saúde, que lançou o alerta mundial sobre a possibilidade de pandemia, caso o H5N1 sofra mutações que o permita infectar de pessoa para pessoa.

Desde a aparição dos primeiros casos divulgados em 2003, a gripe aviária vem sendo acompanhada pela imprensa mundial e brasileira. A partir do primeiro semestre de 2006, a disseminação do vírus em aves migratórias e domésticas da Europa trouxe consigo uma nova onda de informações, mais recente capítulo de um noticiário em boa parte fragmentado ao longo de dois anos e com poucas tentativas de uma contextualização mais profunda.

Poucos veículos citam, por exemplo, que a gripe aviária atual teve início em 1997, com a morte de um menino de três anos contaminado pelo H5N1, em Hong Kong, e que, desde então, cientistas de várias partes do mundo têm se esforçado por compreender a doença e traçar estratégias de prevenção de uma pandemia (KOLATA, 2002).

Ao analisar o discurso do jornalismo científico voltado para a saúde, a dificuldade está mesmo em saber até que ponto uma referência atende a uma necessidade de informação, um interesse mercadológico ou interesses oficiais.

O noticiário da gripe aviária, por exemplo, está repleto de referências comerciais e contradições. Esse é o caso do que ocorreu na edição eletrônica da *Folha de S. Paulo*: no dia 19 de outubro (FOLHA DE S. PAULO, 2005a) o medicamento Tamiflu, do laboratório Roche, é apresentado como supostamente o mais indicado para o tratamento de pacientes acometidos do mal. No entanto, quatro dias antes, em 15 de outubro (FOLHA DE S. PAULO, 2005b), a mesmo periódico eletrônico havia publicado uma



matéria em que expunha que a eficiência do medicamento era questionada por especialistas da área.

Posteriormente, por ocasião da disseminação da doença na Europa, voltou-se a citar na mídia a eficácia de tais medicamentos e os potenciais riscos do nascimento de uma nova pandemia, ao mesmo tempo que as dimensões dos interesses econômicos envolvidos vão ficando mais claras: um bilhão de dólares destinados só pelo governo americano para a compra de remédios de combate à gripe aviária no estágio atual e mais três bilhões em pesquisas para o desenvolvimento de uma nova vacina (*Veja*, edição 1946, 8 mar. 2006).

Por fim, observa-se a descontextualização do tema no jornalismo para saúde, que privilegia eventos isolados, fatos soltos no tempo e no espaço, o que muitas vezes, trazem uma percepção contraditória quando reunidos num único cenário científico. Essa fragmentação é plausível na cobertura da gripe aviária, com um noticiário descontínuo e muitas vezes contraditório. Mesmo a gravidade de uma possível pandemia é, hora ressaltada, hora posta em dúvida pela imprensa, impedindo o leitor de fazer uma análise objetiva do tema tratado.

Uma análise do passado: a pandemia de 1918.

Sendo o jornalismo científico um conceito relativamente novo, no Brasil, corremos o risco de acreditar que os tais vícios são inerentes a uma atividade ainda em consolidação. Entretanto, longe de estar apenas nos noticiários contemporâneos, a prática do jornalismo científico já podia ser observada nas redações do início do século XX, obviamente da forma como vemos hoje, mas com igual importância social e com problemas muito similares ao que encontramos no discurso jornalístico atual.

Uma situação em particular chama a atenção para uma análise, por sua similaridade com o tema da gripe aviária. A pandemia de gripe espanhola que, em 1918, teria posto de cama entre 80 e 90% da população mundial da época e matado cerca de 20 milhões de pessoas em todo o planeta (BERTUCCI, 2004, p.28) tudo isso em menos de seis meses. Chegou ao Brasil em setembro de 1918 e, em um mês, a gripe já havia grassado o país e, deixando no final um saldo estimado de 300 mil brasileiros mortos (MARIOT, 2005).

Naquele momento de incerteza, muitos jornalistas da época se viram na posição de pioneiros involuntários do jornalismo científico nacional. Tal “pioneirismo”, no entanto, não deve ser interpretado como o citado por Oliveira (2005, p.32), que já se



apresenta como um jornalismo especializado e que começa a surgir na segunda metade do século XIX, representado por revistas temáticas como a *Revista do Observatório*, publicada pelo Imperial Observatório do Rio de Janeiro, em 1886. O pioneirismo, em 1918, deve-se mais à necessidade de informação causada pelo medo.

Essas linhas precursoras do jornalismo científico brasileiro foram escritas tendo como pano de fundo o movimento sanitarista, que havia chegado ao Brasil no início do século XX. O meio ambiente, então, era visto como a causa das doenças. Por todo o país, os departamentos de higiene pública passam a perseguir um ideal de limpeza do ar, da terra e da água como forma de combater epidemias. Nesse início de século, segundo Luz (1982, p.80), “organizar e dar salubridade ao espaço urbano é uma nova forma de prestígio político”.

Quatorze anos antes da gripe, em 1904, o Rio de Janeiro tinha vivenciado a Revolta da Vacina, provocada pelas medidas sanitárias organizadas por Oswaldo Cruz na capital federal. Temporariamente suspensas na ocasião, as ações propostas por Cruz, como a vacina obrigatória, acabam se impondo e viram modelo para o País.

Na primeira década do século XX, Recife ainda não seria atingida pelas reformas sanitárias. Sobre este período Zaidan (2005) observa:

[Pernambuco] comunga o sonho modernista de um Estado habitado por uma população bela, forte e saudável, seguindo os padrões higienistas e sociais da 'Belle Époque' européia. Mas tem que conviver a todo instante com bondes de burro, iluminação a gás, falta de saneamento, epidemias, óbitos e muita sujeira nas ruas. A reforma urbana e sanitária de Otavio de Freitas e Saturnino Braga será obra da década seguinte, bem como a reforma do porto do Recife. O torpor oitocentista do Estado só será com a campanha sucessória estadual de 1911, com a chegada do general Dantas Barreto.

Em 1911, o general Dantas Barreto é eleito após um confuso e violento processo eleitoral, desbancando seu rival, Conselheiro Francisco de Assis da Rosa e Silva, e por consequência toda a oligarquia a que ele estava vinculado. Seu governo dá impulso às reformas urbanas calcadas no sanitarismo vigente e, em 1914, Recife passa por sua primeira grande reforma urbanística no século XX.

Em 18 de novembro de 1915, Dantas Barreto passa o governo ao seu sucessor, Manuel Antônio Pereira Borba, a quem escolhera e apoiara politicamente. Pouco tempo depois os dois políticos rompem relações, dando início a uma divisão política que teve reflexos na imprensa pernambucana (GUERRA, 1984). É nesse cenário que desembarca na cidade a epidemia de gripe espanhola.

Diversos periódicos circulavam diariamente na capital pernambucana em 1918. Consideraremos a seguir uma breve análise da cobertura da epidemia de gripe espanhola patrocinada por quatro deles: o *Diario de Pernambuco*, *A Província*, o *Jornal Pequeno* e *A Ordem*.

O *Diario de Pernambuco*, jornal mais antigo em circulação na América Latina, tinha, desde 1915, adotado uma postura “neutra” em relação à política pernambucana. Essa postura era consequência do que havia ocorrido nas eleições estaduais de 1911, quando o *Diario* era propriedade do candidato Rosa e Silva, e por ocasião da eleição de Dantas Barreto sua redação foi empastelada e o periódico passou quase um ano sem circular (NASCIMENTO, 1968, pp. 127-132).

Já com novo dono, o tradicional jornal dará pouca importância à epidemia que, nos primeiros dias de outubro de 1918 já se fazia presente na cidade, possivelmente por uma decisão política. Em sua edição do dia 6 daquele mês, o jornal afirma ser aquela gripe, a mesma gripe de todos os anos, sem maiores consequências. Verificada a malignidade da doença, as matérias escritas no *Diario* passam a oscilar entre a apatia e um leve otimismo, que insere no noticiário a sensação dos repórteres de que a doença já entrara em declínio, mesmo em datas improváveis, como o 9 de outubro, quando os números oficiais apontavam um número de mortes crescentes.

Em oposição aos tons leves dados pelo noticiário do *Diario de Pernambuco*, o jornal *A Província* traçou a epidemia em cores bem fortes.

Desde a crise política de 1911, *A Província* havia assumido uma postura “apolítica”. Essa neutralidade, entretanto, não se manteve por muito tempo. Com o rompimento de Dantas Barreto com o governador Manuel Borba, *A Província* toma partido do primeiro, e passa a chamar o chefe do poder executivo estadual de “traidor” (NASCIMENTO, 1966, pp. 221-225)

Tendo já demonstrado interesse na publicação de noticiário em saúde, com o aparecimento da coluna “Consultório Médico e Jurídico”, em 1917 (NASCIMENTO, 1966, p. 225), *A Província* deu amplo destaque à epidemia de gripe, em 1918.

Segundo Silva (2003), já em 30 de setembro de 1918, *A Província* publica seu primeiro editorial chamando a atenção para a chegada da doença ao estado. No texto, o editor usa o discurso sanitarista contra o próprio governo, apontando para o papel profilático da Higiene Estadual e às sujeiras nas ruas, ao questionar-se no final se “o governo estava apenas sendo relapso, se a Diretoria de Higiene era simplesmente inoperante ou incompetente, ou se esperavam, como sempre, ajuda externa” (SILVA,



2003, p.16).

O noticiário segue durante todo o mês de outubro com grande destaque para a epidemia, que torna o principal assunto do jornal. Os mortos passam a ser contados diretamente nos cemitérios da cidade, diante da negativa das autoridades de informar o número exato de óbitos (SILVA, 2003, pp. 41-47). Ao sair da redação e buscar as informações de outras fontes, *A Província* passa a praticar algo raro no jornalismo pernambucano de então: a investigação.

Naquele jornal, os questionamentos prosseguiram, tendo sempre ao lado das notícias do cotidiano da cidade adoentada, editoriais e artigos de forte oposição à política de saúde do governo. Muito criticado na época, pelo seu alarmismo, o noticiário de *A Província* foi, ao lado do *Jornal do Recife*, a grande voz destoante da mídia recifense durante a epidemia de 1918.

Um dos poucos jornais governistas a dar destaque à epidemia, o *Jornal Pequeno* faz o alerta dos primeiros sinais da gripe ainda em 25 de setembro de 1918. Naquela quarta-feira, ele noticiava uma moléstia que atacava passageiros do navio “Piauhy”, atracado no porto da cidade. Logo adiante, versos nomeavam o possível mal que chegava:

Aquele que estiver o porto à porta,
deve estar sobremodo vigilante –
Que já na Europa temos gente morta,
pela ‘influenza espanhola’ apavorante (*Jornal Pequeno*, 25 set. 1918, p.1).

Em 2 de outubro, a *influenza espanhola* ganha sua primeira manchete no *Jornal Pequeno*, numa matéria que trazia as informações profiláticas da Inspeção de Saúde Naval para se combater o mal. Logo abaixo e com o mesmo destaque, porém, vinha uma orientação do “Centro Espírita do Rio de Janeiro” sobre a medicina que deveria ser aplicada para evitar a malfadada doença.

Mesmo com a propagação da gripe através dos bairros da cidade, fechando comércios, gerando as primeiras mortes e alterando toda a rotina urbana de então, as notícias lidas no *Jornal Pequeno* de 7 de outubro, apesar de registrarem a perplexidade dos próprios jornalistas, ainda afirmavam ser a doença um mal benigno, sem efeitos fatais.

A partir de 14 de outubro, com a notícia da morte do Dr. Abelardo Baltar, chefe da Higiene Pública e responsável pelo combate à doença, é que o *Jornal Pequeno* passa



a publicar a lista de mortos fornecida pelo seu sucessor, Dr. Octávio de Freitas. Ainda assim, o jornal persiste diariamente na idéia de declínio da doença, nos mesmos moldes que o *Diario de Pernambuco*.

Por fim, o curioso caso do jornal *A Ordem* vem a ilustrar o extremo do partidarismo político em meio à crise epidêmica daqueles dias. Fundado apenas um ano e meio antes, em maio de 1917, ele logo assume seu caráter oficial com a frase “Órgão do Partido Republicano Democrata” abaixo do título (NASCIMENTO, 1967, pp. 131-136). Porta voz do governo, *A Ordem* lança menções críticas, cercadas de adjetivos depreciativos contra o *Jornal do Recife* e *A Província* durante quase todos os dias do mês de setembro de 1918. Sua verborragia é particularmente virulenta contra Gonçalves Maia, editor do *A Província*.

Já em 1º de outubro, *A Ordem* mira nas notícias da epidemia publicadas pelo seu concorrente da seguinte forma:

“A Província” é incontestavelmente o órgão das epidemias.
Todos os dias o sr. Maia registra morticínios phantásticos, casos tremendos de bobonica, febre amarella e outras enfermidades que a sentença medica ainda não classificou. (*A Ordem*, 1º out. 1918, p. 1)

Inicialmente negando a existência de qualquer doença, *A Ordem*, a partir do reconhecimento público da Diretoria de Higiene, passa a afirmar ser a epidemia apenas mais um surto de gripe comum. Em nenhum momento a cobertura jornalística menciona o número crescente de mortos ou o caos que se instala na cidade. Nestes termos o jornal permanece até sair de circulação, subitamente, em 11 de outubro de 1918.

Ao retornar, mais de um mês depois, em 14 de novembro, um acanhado editorial afirmava:

A demora no recebimento do nosso papel, ocasionada pelas dificuldades no respectivo transporte e os ligeiros casos da moléstia reinante até bem pouco, atacando ao mesmo tempo quase todo pessoal d’A Ordem’, obrigaram-nos á suspensão d’esta folha por alguns dias. (*A Ordem*, 14 nov. 1918, p. 1)

Foi, assim, o único grande jornal a deixar de circular durante a pior fase da gripe espanhola na cidade.

Ao final da epidemia, um relatório final divulgado pela Diretoria de Higiene, e publicado pelo *A Ordem* com o título “A Influenza está Extinta!”, em 1º de dezembro daquele ano, cita uma mortalidade, naqueles dias do mês de outubro de 1918, cinco



vezes maior do que a média dos anos anteriores.

Considerações Finais

Excessivo oficialismo das fontes ou despreparo profissional, o certo é que, quase noventa anos antes da gripe aviária o nascente jornalismo brasileiro já buscava o seu papel de mediador entre o cientista e o leitor e já se deparava com questões que até hoje afligem os que se dedicam à comunicação para saúde.

A partidarização, que nos parece quase caricata, daqueles dias parecem ter ficado para trás. Mas cometeríamos um erro gravíssimo ao presumir que ela desapareceu do jornalismo brasileiro. Mais correto parece ser supor que ela apenas assumiu outras formas, outros discursos e que continua tão presente quanto antes. Segundo Luz (1982, p. 15)

Como certos modelos de conhecimento são preteridos em função de outros, como certas práticas e instituições do saber médico tornam-se dominantes, como, em resumo, a verdade, em termos de ciência, não pode ser desligada do contexto histórico em que é produzida. Ao contrário, exprime este contexto histórico e contribui para constituí-lo, conservá-lo, modificá-lo e instituí-lo.

Estas considerações, podem servir de parâmetros para uma reflexão final da relação conhecimento médico, sociedade e jornalismo. Em nenhuma outra instância, o papel de mediador do jornalista aponta tanto para a vida humana.

Se em 1918 as informações científicas disponíveis pouco poderiam fazer para salvar vidas, hoje elas podem ser a diferença entre a vida e a morte no caso extremo de uma pandemia.

Referências Bibliográficas

A INFLUENZA Hespanhola. As medidas prophylaticas... **Jornal Pequeno**, Recife, ano 20, n. 226, p. 1, 6 out. 1918.

A INFLUENZA Hespanhola. **Diario de Pernambuco**, Recife, n. 278, p. 3, 9 out. 1918.

A INFLUENZA no Recife. **Jornal Pequeno**, Recife, ano 20, n. 230, p. 1, 7 out. 1918.

A INFLUENZA Reinante. **A Ordem**, Recife, ano 2, n. 279, p. 1, 9 out. 1918.

BERTUCCI, Liane Maria. **Influenza, a Medicina Enferma**: ciência e práticas de cura na época



da gripe espanhola em São Paulo. Campinas: Unicamp, 2004.

BUENO, Wilson da Costa. A cobertura de saúde na mídia brasileira: sintomas de uma doença anunciada. **Portal do Jornalismo Científico**. São Paulo. Disponível em: <<http://www.jornalismocientifico.com.br/artigojornasaudewilbuenocomsaude.htm>>. Acesso em: 21 maio 2006.

BUENO, Wilson da Costa. Comunicação para a saúde: uma revisão crítica. **Portal do Jornalismo Científico**. São Paulo. Disponível em: <<http://www.jornalismocientifico.com.br/artigowilbuenoindustriatabagista.htm>>. Acesso em: 21 maio 2006.

DR. ABELARDO Baltar. **Jornal Pequeno**, Recife, ano 20, n. 235, p.1, 14 out. 1918.

ECHOS. **A Ordem**, Recife, ano 2, n. 271, p.1, 1º out. 1918.

FOLHAS ao Vento. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 275, p. 3, 6 out. 1918.

GRIPE Aviária. **Portal Ambientebrasil**. Curitiba. Disponível em: <http://www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=./agropecuario/index.html&conteudo=./agropecuario/doencas/gripe_aves.html>. Acesso em: 20 maio 2006.

GUERRA, Flávio. Campanha Dantista. In:_____. **História de Pernambuco**. 3.ed. Recife: Raiz, 1984. pp. 163-167.

HABERMAS, Jürgen. **Técnica e Ciência como “Ideologia”**. Lisboa: Edições 70, 1997.

KOLATA, Gina. **Gripe: A História da Pandemia de 1918**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

LUZ, Madel T. **Medicina e Ordem Política Brasileira**. 1. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

MARIOT, Fábio. A Gripe Assassina. **Almanaque**. Disponível em: <http://educaterra.terra.com.br/almanaque/ciencia/gripe_espanhola.htm>. Acesso em: 20 maio 2005.

NÃO! **Jornal Pequeno**, Recife, ano 20, n. 220, p. 1, 25 set. 1918.

NAS ASAS do Pânico. **Veja On-line**, São Paulo, 8 mar. 2006. Ed. 1946. Disponível em <http://veja.abril.com.br/080306/p_084.html>. Acesso em 20 maio 2006.

NASCIMENTO, Luiz do. **História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954)**, Vol. I. 2 ed.



Recife: Imprensa Universitária, 1968.

_____. **História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954)**, Vol. II. Recife: Imprensa Universitária, 1966.

_____. **História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954)**, Vol. III. Recife: Imprensa Universitária, 1967.

NO PORTO do Recife. **Jornal Pequeno**, Recife, ano 20, n. 220, p. 1, 25 set. 1918.

OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo Científico**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

SILVA, Estelita Medeiros Mões e. **Influenza no Recife: A Cidade Doente**. A Gripe Espanhola, Noticiada pelo Jornal “A Província”. 2003. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

UE admite despreparo para a gripe aviária. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 19 out. 2005. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1910200508.htm>>. Acesso em: 20 maio 2006.

VÍRUS da gripe aviária adquire resistência. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 15 out. 2005. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe1510200501.htm>>. Acesso em 20 maio 2006.

ZAIDAN, Michel. Tradição Oligárquica e Mudança. **Tempo Histórico**, Recife, jul-dez 2005. Disponível em <<http://www.ufpe.br/historia/artigo5rev1.htm>>. Acesso em 22 maio 2006.